

Conto – Mais profundo que a morte

Era manhã, clara como um dia perfeito para apreciar um bom churrasco, todos se esforçavam para alegrar Nicolas, que por sua vez estava sempre abatido. Não era para menos, afinal estava se recuperando de um choque, uma sensação única e dolorosa, que apenas quem viveu o mesmo poderá imaginar, já que perder dois amigos de infância, do tipo que nunca pensou em se separar ou esquecer é drástico.

Sentado perto da churrasqueira, apreciava com olhos tristes o seu sobrinho, que como toda criança com calor e piscina, se divertia como se fosse morrer no dia seguinte. O Sol se exibia no céu, tão ferozmente que todos que estavam a sombra suavam com derretiam em suor fazendo a área deixando a área de churrasco como se fosse uma grande sauna ao ar livre.

Todos, sem excitação, tentavam fazer o rapaz se animar, e Nicolas lá se encontrava, sentado, olhando para o infinito apenas respondendo com uma voz sem vida, um verdadeiro morto ambulante. O dia correu ensolarado e quente e como é típico do Noroeste Paulista, à tarde uma nuvem despontava no horizonte, essas eram nuvens carregadas, dessas que despertam um mal sinal, ou como diria os antigos um “mau-agouro”.

Nicolas começa a se agitar sem saber o motivo e por ouvir outros comentarem fita o horizonte, observa as nuvens carregadas, que desenha em sua face uma imagem de horror. O tempo sofre uma brutal pausa, tudo ao redor de Nicolas fica cinza escuro, desesperado e agitado seu coração pulsa ferozmente e suas veias queimam ao sentir o mais terrível medo que se possa imaginar. Tenta se levantar, mas não consegue, esquece que sua coluna já não tem utilidade, caindo ao chão, e como um porco fugindo do abate, tenta fugir desesperadamente para um lugar que nem ele sabe para onde. Olha para os céus e tudo que vê é imagens demoníacas cavalcando as nuvens negras como míticos cavaleiros do apocalipse, tenta, num ato digno de piedade pedir ajuda, mas nada sai de sua boca, lembra-se então que perdeu a fala e emite apenas sons guturais irreconhecíveis.

As pessoas imóveis, paradas olhando as nuvens não percebem, ou melhor nem enxergam o que ocorre. Sem saída ele começa a rogar a Deus arrependendo-se amargamente daquele maldito ato que o tornou assim: “Não pode ser verdade, porque fiz aquilo?”, lágrimas escorrem pelos seus olhos. Rasteja rapidamente em direção a irmã, esta que sempre o acobertava, como aquele de 10 anos atrás, de todas as encrencas das quais se metia. Ele pega no tornozelo de sua irmã, ela por sua vez não se move, ele começa a puxar com mais força já chorando. O rosto de sua irmã gira 360 graus e olha fixamente para o pedaço de gente que se arrasta no chão e diz em uma voz que não é de sua autoria:

- “Este é o preço que pagarás, sua dívida será cobrada, não adianta rezar ou pedir perdão, o contrato teve mais uma parcela vencida, eis agora mais um novo mundo para você, Nobre Intocável.”

Todos voltam a consciência e percebem Nicolas ajoelhado de quatro perto da piscina com o rosto dentro da água. Os olhos arrancados bóiam, a água se tingiu de vermelho fundindo-se ao sangue que saiu da boca e dos olhos do infeliz. A cena é inacreditável para todos presentes, não sabem mo que aconteceu, sua irmã grita desesperadamente tirando todos os outros que poderiam ainda estar em transe, garoto foge da água como se a mesma estivesse fervendo: - “não quero me sujar de sangue, eu vim apenas para nadar.” gritou apavorado.

Algumas horas se passaram, Dias, perito criminal de plantão, está no perto da churrasqueira observando o requinte da mesma pensando porque ele não ganhava bem o suficiente para ter uma igual, voltava-se então para o trabalho e observa a piscina vermelha e o cadáver que é retirado pelos legistas perguntando para si mesmo “o que mais vou ter amanhã”. Fotografava todos os detalhes, a cadeira de rodas de Nicolas, o caminho de sangue, que ele deduziu “Aqui no começo foi onde ele teve seus olhos arrancados, o corpo foi arrastado com o rosto para baixo, esfolando o rosto”.

- O que acha Dias?
- Acho que é mais um caso estranho antes da minha aposentadoria Silva, investigador

encarregado do caso, não tenho mais idade para este tipo de coisa, afinal dentro de 3 semanas isto tudo será um grande pesadelo ruim que tive ao longo dos 25 anos.

- Que isto, olha o desanimo Dias, e tenha mais respeito, afinal é um presunto, mas é um ser humano que morreu aqui. - Parando para dar uma mordida no lanche e prosseguindo de boca cheia: - Parece que você perdeu o respeito pela vida, o rapaz teve os olhos arrancados.
- É só mais um caso estranho como o do Julio, o Matheus e o Clayton.
- Meu deus como é bom...
- Olha só para quem estava me dando uma lição de moral até o momento.
- Não, não... Estou falando deste lanche, aquele trailer na praça central faz um lanche maravilhoso.

Não querendo mais perder seu tempo, Dias termina seu trabalho, fotografa detalhadamente todo o recinto, cada minucioso detalhe para uma investigação que não vai acontecer, afinal, pelo salário miserável que pagam aos policiais hoje em dia. A sociedade devia rezar para estes homens armados não cruzarem a tênue linha de seda que separa um policial honesto do corrupto.

Três semanas se passaram desde o ocorrido com Nicolas, as famílias pediam explicação para o inexplicável. A policia civil não se pronuncia, afinal estavam de greve numa tentativa de melhorar a vida da classe trabalhadora esta mesma que ninguém da valor.

Dias com seus cabelos brancos esta limpando sua mesa seus relatórios incompletos e inconclusivos vão para pasta de arquivo, “Não darei 3 semanas para que ninguém mais os ache, perdidos no sistema”. Desvia do barulho que esta na recepção vai para seu carro popular parado a frente da delegacia quando entra já sente o peso das responsabilidades de policiais o deixando a partir daquele momento ele não era mais um perito criminal, era apenas um policial aposentado sem nada mais ter que intervir. Entra no carro gira a chave do motor e sai como sempre, sem ninguém perceber quando ele chega ou sai.

Liga o som do seu carro, a noite estava fria, fazendo seus ossos doerem, ouvia musicas dos anos 80, dirigindo, pega a vicinal e segue até seu sitiozinho que comprou há dez anos. Á 17km da cidade, era seu refugio da loucura do mundo.

- Querida cheguei
- Onde você estava? demorou demais papai
- Não se preocupe, minha filha. Agora papai não tem mais responsabilidade nenhuma é todo seu agora
- Que bom, que bom papai. Porque a gente não vai brincar?
- Não precisamos mais brincar, minha filha. Está tudo terminado, porque não canta para seu pai?
- Sim sim...

Dias levemente caminha para sua poltrona. O cheiro insuportável que emana da casa não é problema para ele, já estava acostumado, vivia ali sozinho, ele e sua inseparável filha que não pode mais sair da cadeira. Ouvindo sua filha cantar ele, acompanha a musica, uma musica que a mãe de Dias cantava antes dele dormir que ele cantou para sua filha antes dela dormir.

Sua filha para de cantar olhando para ele com aquele rosto... bem se é que podemos chamar de rosto aquilo...

- Papai, e agora o que vai acontecer?
- Não se preocupe, Marcela. Esta tudo terminado, nossos amigos fizeram o trabalho deles e agora vou me juntar a você.
- Que bom papai. Então porque não vem logo? Estou cansada de brincar sozinha com Nicolas, Julio, Clayton e Matheus. Falando nisto, Nicolas é tão divertido papai – diz toda animada como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo.

- Porque não? - abre um sorriso gostoso. Não seja egoísta e deixe um pouco para todos brincarem, afinal, é este nosso acordo não é?
- Tá bom papai – voz de emburrada.
- Sempre mimada hein? - sorrindo.

Dias retira sua arma, uma pistola calibre 380, olha bem para a casa como sinal de despedida. Seu livro de magia negra, aberto sobre a mesa central da sala; na parede jornais datados de anos atrás sobre uma garotinha de 11 anos estuprada e morta; do lado uma notícia de jornal sobre uma mulher que se matou por não suportar a morte da filha. Sinais não reconhecidos por toda parte. Na cadeira de sua filha esta apenas os ossos de marcela que a muito tempo foi comido pelos vermes. Ele engatilha a arma e lentamente poe o cano dentro da orelha, olhando para o esqueleto a sua frente, abre um sorriso e dispara.